



FORMAÇÃO
**AS 12 CAMADAS
DA PERSONALIDADE**



Prof. Jota Borgonhoni

4ª CAMADA

4^a camada

“A 4^a camada é autoreferente, egóica, é sobre nós, sobre o nosso tamanho, sobre a primeira possibilidade de a gente se ver como algo único.”

A motivação da 4^a camada

Esta é a famosa camada na qual, segundo o Prof. Olavo, a grande maioria dos brasileiros está. Não que seja muito complicado sair dela, é relativamente simples, mas calhou de os brasileiros não estabilizarem com facilidade seu universo afetivo. E sem isso, não há avanço.

A faculdade humana que orienta a camada 4 ainda é a razão. Na camada 3, a razão se inclina ao mundo exterior, ajudando a pessoa a entendê-lo e a classificá-lo. Aqui ela vai trabalhar no mundo interior, buscando o contorno das emoções.

Basicamente, a motivação da camada 4 é receber afeto. O que a pessoa busca é a validação dos seus próprios sentimentos por outra pessoa. Para ela, o que ela sente é o que há de maior valor. Nesse sentido é que a reclamação é uma constante nessa camada, porque a coisa mais comum é o mundo apresentar circunstâncias que contrariam nosso mundo afetivo.

Os primeiros elementos subjetivos de um “eu”

De certa forma, a camada 4 é o momento em que o sujeito age no mundo de acordo com um referencial subjetivo. Na camada 3, ele estava aprendendo objetivamente o que as coisas são e como funcionam; agora ele se dá conta do efeito emocional que elas

acarretam nele, e se vê como aquele que gosta disso e não gosta daquilo, que se sente bem com uma coisa e se sente mal com outra.

Já havia um eu antes disso, mas era um eu fruto das possibilidades gerais da 1^a camada, da hereditariedade da 2^a e que aprendia na 3^a. Desta vez há uma resposta emocional reconhecível que quer ser atendida.

Por exemplo, uma coisa é saber que brócolis é comestível e que a sua mãe fica feliz quando você o aceita, outra é gostar ou não de comê-lo. De um lado temos uma integração racional objetiva (camada 3) e de outro um referencial de valoração subjetivo (camada 4). Na 4^a camada, o sujeito age de acordo com esse segundo elemento.

Como a nossa afetividade se forma

A primeira coisa presente é a hereditariedade física. Ou seja, a consideração do quê os nossos antepassados legaram ao nosso corpo. Por exemplo, uma criança com deficiência visual, herdada da família, vai ter a afetividade afetada por isso.

A segunda é a família em relação aos aspectos comportamentais. A nossa afetividade vai ser de um jeito se nossos pais forem maduros e corretos, e vai ser de outro se eles forem descontrolados e abusivos. Os pais desempenham um grande papel no estabelecimento do nosso referencial afetivo, afinal, eles são uma espécie de arquétipo mitológico na nossa cabeça.

Em seguida vêm as experiências pessoais. Uma criança numa família

de exímios nadadores pode ficar com medo de água depois de quase ter se afogado. Nesse caso, uma experiência individual passa a ser determinante num ponto em que ela destoa do seu meio.

Depois vem a cultura circundante. A cultura tem um grande papel na formação da afetividade porque encontramos nela padrões de reação emocional diante dos vários objetos. Nós, brasileiros, somos um pouco azarados em relação a isso. Depois que nos direcionamos para fora das nossas famílias, o que temos aqui é um amontoado de problemas de camada 4, junto com as maneiras mais emotivas de enfrentar esses problemas.

Para tentar sair disso, nada melhor do que o aprofundamento do aprendizado voluntário, o último ponto a ser tratado sobre a formação da nossa afetividade.

O aprendizado voluntário consiste no esforço de se observar e tomar conhecimento das suas próprias reações diante das situações. Além disso, tentar também encontrar na sua história o momento em que certa justificativa das suas reações passou a ser defendida por você.

Explorando um pouco mais o problema e a saída

O que precisamos é tornar nossa afetividade uma espécie de espelho real do que é bom ou ruim no mundo. O certo é se agradar do que é realmente bom e evitar o que é realmente ruim. Qualquer diferença nesse quadro denota uma afetividade pouco capaz de cumprir sua verdadeira função. Ou seja,



o seu referencial objetivo, dado pela razão, tem de se aproximar do seu referencial subjetivo, dado pela afetividade.

O problema começa quando você espera que as outras pessoas confirmem o seu referencial individual. Você quer gostar das coisas e quer que os outros gostem delas também. O que estamos buscando é uma espécie de consolo, que funciona como uma confirmação pessoal: é a sua pessoa que estará sendo aceita.

A sua afetividade é composta por várias coisas das quais você gosta e não gosta, mas uma confirmação alheia em relação a um dos seus gostos acarreta a sensação de que tudo em você está sendo aceito. E o contrário também é verdadeiro: da desaprovação de um dos seus gostos ou atitudes, você conclui que a sua pessoa inteira está sendo reprovada.

Muitas vezes passamos a vida inteira querendo esse tipo de consolo.

A mudança só será possível por meio da responsabilidade. Você não vai ficar podendo culpar a sua família, os seus amigos, o seu entorno. Todo ato demanda uma escolha, que gera uma consequência pela qual temos de nos responsabilizar.

Outra coisa é desenvolver a capacidade de rir de si mesmo. Isso é ótimo para regular a importância real do seu sofrimento. Muitas vezes sofremos mais do que a situação nos inclina porque não conseguimos olhar para ela desde fora, e uma maneira de sair um pouco da situação é ser capaz de rir dela.

Na verdade, a busca da camada 4 é uma estabilidade dada por uma autoridade, seja ela um pai, uma mãe, uma amigo,



um terapeuta, ou a própria ordem da realidade. A autoridade vai agir como alguém que altera a perspectiva da pessoa.

Não dá para não falar de Freud

A corrente teórica que representa a 4^a camada é a desenvolvida por Sigmund Freud. Não porque ele oferece meios de tratamento da questão da camada 4, mas porque a teoria em si é fechada na questão dos desejos. Freud é um representante dessa camada porque toda a teoria e prática dele só considera os movimentos interiores da pessoa.

O desejo, para Freud, é o elemento mais importante do ser humano. Ele está focado na dinâmica desejo-frustração. Para Freud, o máximo a que uma pessoa



pode chegar é a satisfação do desejo, por isso ele é colocado aqui na camada 4.

A psicanálise faz uma inversão porque faz as tendências subjetivas de realização dos desejos pautarem a realidade. Para piorar, o desejo sexual aparece como o desejo base que modela toda a psique.

Freud não apresenta uma antropologia válida, mas, de qualquer modo, a construção da sua teoria se dá sobre uma estrutura de 4^a camada.



FORMAÇÃO

AS 12 CAMADAS DA PERSONALIDADE